

**MUDANÇAS NAS FAMÍLIAS
BRASILEIRAS (1976-2012)**
Uma perspectiva de classe e gênero

CONSELHO EDITORIAL

Bertha K. Becker (*in memoriam*)

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

ANPOCS ■

Diretoria geral biênio 2017-2018

Presidente - Fabiano Guilherme Mendes Santos (IESP-UERJ)

Secretário Executivo - Ricardo Mariano (USP)

Secretária Adjunta - Emília Pietrafesa de Godoi (UNICAMP)

Diretoria de Publicações - Adrian Gurza Lavalle (USP)

Diretoria

Carlos Guilherme do Vale (UFRN)

Roberto Veras de Oliveira (UFPPB)

Silvana Krause (UFRGS)

Conselho Fiscal

Ciméa Barbato Bevilaqua (UFPR)

Cláudio Gonçalves Couto (FGV-SP)

Marcelo Domingos Sampaio Carneiro (UFMA)

Acompanhamento Editorial - Mírian da Silveira

Equipe Administrativa - Berto de Carvalho; Bruno Ranieri; Felipe Carvalho;

Mírian da Silveira

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 - 1º andar

Cidade Universitária CEP 05508-010 São Paulo SP

Tel.: (11) 3091-4664 / 3091-5043

anpocs@anpocs.org.br

www.anpocs.org.br

Nathalie Reis Itaboraí

**MUDANÇAS NAS FAMÍLIAS
BRASILEIRAS (1976-2012)**
Uma perspectiva de classe e gênero

PRÊMIO DE MELHOR TESE DE DOUTORADO NO CONCURSO ANPOCS
DE OBRAS CIENTÍFICAS E TESES UNIVERSITÁRIAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS – EDIÇÃO 2016

G a r a m o n d

Copyright © Nathalie Reis Itaboraí, 2017

Direitos cedidos para esta edição à

Editora Garamond Ltda.

Rua Cândido de Oliveira, 43

CEP 20261-115 – Rio de Janeiro – Brasil

Telefax: (21) 2504-9211

e-mail: editora@garamond.com.br

website: www.garamond.com.br

Revisão Alberto Almeida

Projeto gráfico e capa Estúdio Garamond

sobre Quilting, multi patchwork patterns, disponível em https://farm3.staticflickr.com/2943/15417211396_f822f8ccc8_b.jpg/ sob licença Creative Commons “Atribuição”.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I85m

Itaboraí, Nathalie Reis

Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012) : uma perspectiva de classe e gênero / Nathalie Reis Itaboraí. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2017.

480 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7617-452-3

1. Ciências Sociais. I. Título.

17-44937

CDD: 320

CDU: 32

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

“Todos, pelo simples fato de vir ao mundo após outros e em contextos, não só familiares, mas sociais, históricos, culturais específicos, somos herdeiros de alguma coisa e com esse legado devemos fazer e contar nos vínculos e oportunidades que encontramos e nas escolhas que operamos. Pelas mesmas razões, todos nós deixamos alguma coisa como uma herança para os que virão depois, aos nossos filhos e netos, se os temos, mas também a outros.” (tradução livre de SARACENO, 2013. p. 11)

Dedico este trabalho aos que nos precederam e aos que nos sucedem e, muito especialmente, a Marly e Namir, João Pedro, Maria Teresa e Emanuel.

Agradecimentos

Este trabalho foi originalmente apresentado como tese de doutorado e os agradecimentos contemplam sobretudo as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para sua elaboração. Neste sentido, meu primeiro e maior agradecimento é certamente para meu orientador, timoneiro de um longo percurso, que, além de seus ensinamentos e orientações, sempre iluminou minhas reflexões com seu habitual bom humor e suas excelentes recomendações literárias. A interlocução com Nelson do Valle Silva por mais de uma década, entre o mestrado e o doutorado, é certamente uma marca decisiva em minha formação acadêmica e agradeço imensamente o privilégio que tem sido a convivência com sua admirável lucidez analítica.

A filiação ao Iesp é outra marca que trago com gratidão, alegria e orgulho. No Iesp, temos desfrutado de um ambiente enriquecedor do ponto de vista intelectual e humano, pelo que agradeço a todos, professores, funcionários e colegas. Nesta casa recebi o essencial de minha formação sociológica, com o privilégio de conviver com professores admiráveis, que muito me influenciaram, dentre os quais Carlos Antônio Costa Ribeiro e Luiz Antônio Machado da Silva me agradaram com suas valiosas críticas em bancas anteriores.

Foi uma imensa alegria que a banca de doutorado tenha reunido pessoas que marcaram minha formação em diferentes momentos e de cuja generosidade pessoal e intelectual sou feliz e agradecida devedora. Neuma Aguiar foi minha primeira orientadora no então Iuperj e me introduziu com maestria nas teorias feministas e de gênero e, mesmo depois de sua saída do Iuperj, fez-se presente em outras oportunidades de diálogo em eventos. Além de me conceder a honra e alegria de prefaciá-la esta obra, propôs melhorias substantivas na transformação da tese em livro. Zuleica Cavalcanti generosamente me recebeu na UFRJ e me disponibilizou relatórios de suas análises sobre indicadores de gênero. Adalberto Cardoso foi meu professor de teoria sociológica, sociologia do trabalho e comentou meus textos na banca de qualificação e no seminário de tese, suas leituras atentas e suas palavras de incentivo têm sido fundamentais para meu amadurecimento intelectual, que ele acompanha e apoia há bastante tempo. Tive também a felicidade de assistir a algumas aulas do excelente curso de Luiz Augusto Campos sobre feminismo no Iesp, sendo também brindada com sua leitura crítica e renovadora de muitas autoras centrais nos debates da área.

No Iesp, diversos colegas compartilharam ideias e informações que contribuíram para minhas reflexões; agradeço especialmente a Carlos Pinho, Tássia Rabelo, e a todas e todos colegas do Coletivo Feminista do Iesp e do Centro para o Estudo da Riqueza e da Estratificação Social (CERES-IESP). Daniel Biagioni inúmeras vezes, com sua habitual solicitude, me disponibilizou dados, boas recomendações e palavras amigas nos momentos mais críticos. Flávio Cavalhaes e o professor Adalberto Cardoso também me disponibilizaram dados e informações essenciais para o encaminhamento da tese. O incentivo dos professores Breno Bringel e Charles Pessanha também muito estimularam meu amadurecimento intelectual.

Um agradecimento muito grande para minha professora de análise espacial, Sônia Terron, pelos seus ensinamentos e pelas ideias e carinho que compartilhamos. O exemplo sempre admirável do professor Gláucio Soares me incentivou a debruçar-me sobre a questão da violência de gênero, o que agregou um ponto importante à minha pesquisa. O curso que o professor Gláucio ministrou sobre América Latina e a solidariedade de colegas latino-americanos do Iesp me ajudaram a colocar minhas questões de pesquisa em uma perspectiva mais regional. Agradeço em especial às recomendações e o incentivo de Alexis Cortés, Diana Perez, Fidel Perez, Lorena Granja, Lucía Perez e Maximiliano Duarte. A oportunidade de realizar cursos à distância na Cepal fomentou ainda mais esta perspectiva, no que agradeço especialmente às minhas tutoras Marta Rangel e Virginia Guzmán. As oportunidades de participar em congressos promovidos pela ALAP, ALAS, ALAST, IATUR, IUSSP, LASA e SOMEDE também muito enriqueceram minha visão.

Agradeço o apoio institucional da UERJ que me permitiu a participação em congressos que ampliaram a compreensão e contextualizaram meu objeto. Agradeço também à UFJF que, através do programa Proquali, me concedeu bolsa de apoio durante a maior parte do doutorado, permitindo-me investir em minha formação. Na UFJF tive a oportunidade de debater boa parte da obra de Bourdieu, além de pesquisas sobre desigualdades educacionais, em um grupo de estudos coordenado por Eduardo Magrone, a quem sou extremamente grata. A UFJF também me propiciou a oportunidade de trabalhar com colegas das Ciências Sociais que muito incentivaram a continuidade de minhas pesquisas, pelo que agradeço especialmente a Dmitri Cerboncini Fernandes e Fernando Perlatto Bom Jardim.

Na academia brasileira, venho me beneficiando de eventos promovidos pela Anpocs, Abet, Abep e diversos outros grupos de pesquisa que ensejaram inúmeras oportunidades de expor minhas pesquisas a críticas e sugestões. Nesses encontros, tive a oportunidade de conhecer Hildete Pereira de Melo, que muito me alegrou e honrou ao escrever a apresentação deste livro. A oportunidade de

transformar a tese em livro, decorrente da premiação concedida pela Anpocs, me faz também grata pelo suporte e orientações recebidas do setor de publicações da Anpocs, em especial a Adrian Gurza Lavalle e Mírian da Silveira, e da Editora Garamond.

Sou imensamente grata a toda a equipe do IBGE que em diferentes momentos acolheu e sanou minhas dúvidas sobre sua metodologia e dados. Embora seja impossível citar todos, não poderia deixar de mencionar Ana Lúcia Saboia, Elizabeth Hypólito, Fernando Albuquerque e Maria Lucia Vieira. Agradeço também às oportunidades de diálogo com a Demografia, em especial com Ana Maria Goldani, Laura Wong, Maria Coleta de Oliveira e Maria do Carmo Fonseca, diálogo que vem sendo ampliado pela participação no Grupo População e Gênero da Abep, a cujos integrantes também agradeço muito, em especial o companheirismo de Arlene Ricoldi, Gláucia Marcondes e Luciene Longo.

Muitos amigos queridos me escutaram, acolheram e apoiaram. Na impossibilidade de citar todos, não poderia deixar de mencionar Cidinha, Carla, Karine e toda a família Fernandes de Carvalho, Claudia Malfetano, Deila e Guiomar Brasiel, Denise Bruno, Fabrício Moraes, Jordânia Araújo, Josimara Delgado, Karine Drumond, Kelmer Esteves, Marcos e Júlia Leite, Marilsa Silva, Myriam Silva, Rita e Annie Marie Prado, Teresinha, Maria do Amparo e Marcos Ananias. Na Universidade Federal de Juiz de Fora fiz também grandes amigos, em especial Maria Imaculada Scotelano, Judson Vidal, Lucimar Bartels e Milena Dibo que sempre tiveram palavras sábias e carinhosas para tornar doces os momentos mais difíceis. Hélio de Felippo e Renata Perlatto cuidaram de minha saúde e torceram por mim, aliviando o desgaste físico e emocional deste percurso.

À minha grande família, todo meu amor e gratidão. Minhas irmãs, Marna e Natércia, meus cunhados, Getulio e Eden, meus sobrinhos, Thaís, Rodrigo, Lindsay, Elizangela, Willy, Kelvyn e France, e muitas tias, tios, primas e primos queridos me apoiaram de perto e de longe, maternando meus filhos e me acolhendo com seu afeto. Sérgio inúmeras vezes foi “pãe” (pai e mãe) de nossos filhos para me permitir dedicar a esta pesquisa, encarando com afeto e despreendimento os desafios das relações de gênero e parentais.

Meus pais, Marly e Namir, sustentaram cada passo de minha vida com seu amor, com seu exemplo e com seus ensinamentos. Meu afeto e gratidão por eles só é comparável ao que tenho pelos meus filhos, João Pedro, Maria Teresa e Emanuel, cujo amor incondicional me fortalece e inspira. A eles, a dedicatória e o melhor de mim.

Com saudades eternas, trago sempre no coração as estrelas de minhas avós Cacilda e Stela, de minhas madrinhas Maria e Nalcina, e de meus avôs Romão e Antônio.

Há muito a fazer ainda, melhorou muito, e acredito que o feminismo é a verdadeira revolução do século XX, mas ainda falta muito. Uma revolução feita sem sangue, a mulher tem sido de uma elegância moral extraordinária.

Nélida Piñon

Sumário

| | |
|--|-----|
| Prefácio – Neuma Aguiar | 15 |
| Apresentação – Hildete Pereira de Melo | 21 |
| Introdução: Revolução nas famílias, revolução das mulheres, desigualdades de classe | 27 |
| PARTE 1. O PESSOAL É POLÍTICO | 33 |
| Capítulo 1. A construção do objeto: analisando a “revolução das mulheres” do ponto de vista das famílias e da diversidade de classe | 37 |
| 1.1 A revolução das mulheres: um ponto de partida histórico e teórico | 37 |
| 1.2 A literatura sobre gênero, famílias e classes no Brasil: questões em aberto | 47 |
| 1.3 Apresentação do problema de pesquisa | 56 |
| 1.4 A construção da medida de classe | 71 |
| Capítulo 2. Referencial teórico: reflexões sobre as articulações entre famílias, classes, gêneros e mudança social | 85 |
| 2.1 (Re)produção das classes e lógica da (e mudanças na) dominação masculina: famílias e estratificação social na (e para além da) visão de Bourdieu | 91 |
| 2.2 Estratificação de gênero nas famílias | 98 |
| 2.3 Mudança social e distribuição de poder | 109 |
| 2.4 Sobre os “sentidos” das mudanças nas famílias | 115 |
| Capítulo 3. Contextualização histórica: o passado e presente da “revolução das mulheres” no Brasil de uma perspectiva de longa duração | 125 |
| 3.1 O patriarcalismo no passado colonial brasileiro | 127 |
| 3.2 A lenta ampliação das oportunidades femininas desde o século XIX | 134 |
| 3.3 O período 1976-2012: lugares em movimento | 153 |
| PARTE 2. NOSSOS CORPOS NOS PERTENCEM | 171 |
| Capítulo 4. A conjugalidade sob um novo equilíbrio de poder | 177 |
| 4.1 O processo de formação de família de uma perspectiva de classe e gênero | 182 |
| 4.2 Padrões de composição dos casais, endogamia e novos equilíbrios de poder | 199 |
| 4.3 Violência contra a mulher: ícone do patriarcado e/ou paradoxo do empoderamento? | 215 |

| | |
|---|------------|
| Capítulo 5. Sob o signo da escolha: mudanças no comportamento reprodutivo..... | 231 |
| 5.1 O contexto das transformações no comportamento reprodutivo: da preocupação populacional à construção dos direitos sexuais e reprodutivos..... | 235 |
| 5.2 Uma análise do comportamento reprodutivo e seus diferenciais por classe | 241 |
| 5.3 Maternidade na adolescência em tempos de baixa fecundidade: desigualdades nos pontos de partida e de chegada | 264 |
| Capítulo 6. Desigualdades de gênero e classe nas novas gerações: a socialização dos filhos | 283 |
| 6.1 A primeira infância..... | 296 |
| 6.2 Filhos entre a escola e o trabalho | 305 |
| 6.3 Entre os <i>nem nem</i> e a <i>geração canguru</i> : paradoxos das desigualdades de classe e gênero nas transições juvenis brasileiras | 324 |
| PARTE 3. UM TETO TODO SEU..... | 341 |
| Capítulo 7. A construção da autonomia econômica feminina: intersecções entre trabalho, políticas públicas e responsabilidades familiares..... | 345 |
| 7.1 O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho e a questão do impacto da vida familiar..... | 345 |
| 7.2 Os desafios na construção da autonomia econômica para além do mercado de trabalho..... | 363 |
| Capítulo 8. Temporalidades plurais: desigualdades de gênero e classe nos usos do tempo nas famílias brasileiras..... | 383 |
| 8.1 Evidências sobre usos do tempo: mudanças parciais, desigualdades persistentes | 387 |
| 8.2 A socialização dos filhos e filhas na divisão do trabalho doméstico | 396 |
| Capítulo 9. Velhos e novos desafios das desigualdades de gênero e classe nas famílias..... | 405 |
| Conclusão | 423 |
| Referências..... | 433 |
| Sobre a autora..... | 479 |

Prefácio

Neuma Aguiar

Professora Emérita da Universidade Federal de Minas Gerais

Este livro recebeu da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) o prêmio de publicação alocado às melhores teses acadêmicas no concurso de 2016. O texto constitui um trabalho de fôlego que apresenta várias contribuições importantes, com dados quantitativos, para a compreensão das desigualdades sociais no Brasil. Procuo destacar, em seguida, para cientistas sociais e outros profissionais interessados que seguem as inovações efetuadas na análise da estratificação por gênero, os aportes que a meu ver são os mais significativos.

A autora empregou um esquema composto por oito estratos sociais, parte de um conjunto mais amplo de categorias que compõem um sistema classificatório, primeiramente elaborado por Nelson do Valle Silva para a análise de dados das Pesquisas Nacionais por Amostragem Domiciliar do IBGE, e que são uma referência na literatura especializada. As categorias que Nathalie elegeu para o seu trabalho são as seguintes (numeradas de 1 a 8, sendo a primeira a de pior condição social): (1) trabalhadores(as) rurais; (2) trabalhadores(as) na indústria tradicional e nos serviços pessoais e domésticos; (3) trabalhadores(as) nos serviços gerais e vendedores(as) ambulantes; (4) trabalhadores(as) na indústria moderna; (5) empresários(as) por conta própria; (6) ocupações não manuais: técnicas, artísticas, de rotina e supervisão; (7) proprietários(as) e dirigentes; (8) profissionais de nível superior. As 8 classificações são então empregadas para nelas situar a posição social das famílias, ou, também, separadamente, a dos maridos e a das esposas. Os dados utilizados pela autora são derivados das Pesquisas Nacionais por Amostragem Domiciliar do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e perfazem uma série histórica (1976, 1996 e 2012), o que lhe permite avaliar as mudanças observadas pelos indicadores estatísticos que calculou. Nathalie infere negociações no âmbito das famílias ao constatar melhorias nos resultados obtidos que muitas vezes não se iniciam pelas classes mais altas.

O campo da estratificação social nem sempre se prestou à análise de diferenciações por gênero. No passado esses estudos subsumiam a posição das mulheres na dos homens, enumerados como chefes de família. Nathalie, todavia, deseja observar o alcance das mulheres em relação aos seus parceiros nas famílias e na sociedade. Isto porque as mulheres exibem um desempenho

distinto daquele apresentado pelos homens nas dimensões mais comuns que compõem o sistema de estratificação social: ocupação, educação e rendimentos. Para trabalho igual, nem sempre o salário é de igual valor para homens e mulheres, pois os investimentos efetuados por ambos os sexos em educação não resultam nos mesmos retornos financeiros. No passado, lidando com famílias, de acordo com o critério adotado, as diferenças de gênero eram abstraídas para fins analíticos.

Nossa autora busca enfrentar um dos maiores desafios desse campo de análise, já que o conhecimento das desigualdades precisa ser destrinchado não apenas em termos da estratificação por classes sociais, mas também em relação às desigualdades de gênero. Nathalie distingue três situações principais na comparação entre os domicílios (ambos os cônjuges trabalham com rendimentos; só a esposa trabalha; só o esposo trabalha). A situação familiar em que apenas a mulher trabalha com rendimentos é claramente minoritária compreendendo aproximadamente 5% dos casos. Os demais são divididos em dois contingentes de proporções equivalentes: cerca de 45% dos domicílios são compostos por marido e mulher que pertencem à mesma classe social. Os casos restantes são então esmiuçados. Sua decisão de como considerá-los varia de acordo com a condição de trabalho e de rendimentos de cada membro do casal: (a) se a mulher é chefe de família ou se ela é cônjuge e trabalha com rendimentos superiores aos do marido, a classe familiar é a da esposa; (b) se a mulher é chefe de família monoparental e não trabalha fora, a classe é derivada da situação de trabalho de um dos filhos ou de outro parente com a posição mais elevada no domicílio; (c) nos casos restantes a posição de classe familiar é a do marido, isto é, se a mulher trabalha fora, ou, no caso em que ela trabalhe fora, se os seus rendimentos são iguais ou inferiores aos do marido. Mesmo enumerando estes critérios ela identifica, na classificação dos domicílios, quando compara as condições de vida do marido e da mulher, no presente e no passado, várias circunstâncias distintas pela posição das mulheres no indicador: a) hipergamia (o caso clássico do patriarcalismo quando os indicadores da posição masculina são maiores) b) homogamia (quando os indicadores são iguais para ambos os membros do casal); e c) hipogamia (quando os indicadores da posição da mulher são superiores aos do marido). Tais atributos se referem às situações de classe (ou à classificação ocupacional de cada um, em relação ao nível educacional obtido por cada cônjuge, e ao nível dos rendimentos dos membros do casal). A autora bem demonstra a complexidade existente, e que ela enfrenta, para efetuar classificações quando se abandona o critério tradicional de subsumir a condição dos domicílios à classe social dos maridos.

Nathalie pergunta: os casamentos e as uniões ocorrem primordialmente entre pessoas da mesma classe social ou entre membros de classes diferentes?

E constata uma tendência para a endogamia (isto é: as alianças se constroem primordialmente entre os membros de uma mesma classe social), um dado importante para que a autora suponha a tendência de maior distribuição de poder entre os membros do casal. Nível educacional equivalente, trabalhar fora e auferir rendimentos são os indicadores empregados para constatar se há ganhos de autonomia pelas mulheres (alterações nos indicadores de classe são examinados para concluir se também afetam os comportamentos de gênero, isto é, para observar se os padrões se alteram com o decorrer do tempo, tornando mais igualitárias as condições de vida dos membros do casal). A autora observa que nas classes mais baixas, apesar da pequena escolaridade, as mulheres sempre estiveram em posições sociais superiores às de seus maridos quando comparadas às classes não manuais, nas quais a tendência relativa à maior igualdade social representa uma conquista mais recente. As classes sociais, portanto, não determinam as desigualdades de gênero.

Nathalie investiga as distinções de idade e de escolaridade entre marido e mulher para as oito classes sociais através do tempo. As diferenças de idade que encontrou entre os membros do casal foram consideradas pequenas pela autora (os homens são em média de três a cinco anos mais velhos). Já em relação ao nível de instrução: para as classes manuais foi constatada a tendência de maior escolaridade para as esposas, ao contrário dos estratos não manuais em que os homens apresentam um maior grau de instrução que as mulheres (com tendência à emergência de uma maior homogamia nesse indicador, em período recente). A desigualdade de renda entre os cônjuges tende a ser maior nos dois extremos da estratificação por ela considerados: profissionais liberais e trabalhadores (as) na agricultura. A autora aponta, no entanto, para a tendência de redução substantiva da proporção de mulheres sem renda e para uma elevação da magnitude das que detêm até 40% da renda do casal, observando assim uma disposição rumo a uma maior igualdade no interior das famílias, na sociedade brasileira, no período mais recente que estudou. Se os indicadores de nupcialidade apontam para uma tendência de maior equalização entre os membros do casal, Nathalie busca averiguar o que ocorre com o aparecimento de filhos. A autora primeiramente constata uma redução do tempo de vida das mulheres dedicado à maternidade. Com ganhos educacionais e econômicos, as mulheres adiam a decisão de ter filhos, uma vantagem das que procuram acesso à contracepção. As taxas de fecundidade variam com o tempo e com a classe social, verifica a autora. A queda é maior entre os estratos mais baixos, no período de tempo estudado.

Em face do advento de filhos, os encargos domésticos das mulheres tendem a se elevar em comparação aos dos homens, promovendo maiores desigualdades entre os membros do casal.

Nathalie demonstra que a idade da primeira experiência de maternidade tende a ser adiada a partir do estrato de trabalhadores(as) nos serviços gerais e vendedores(as) ambulantes (classe 3). Além disso, há uma diminuição do número de filhos e do intervalo entre estes, uma decorrência do maior uso contemporâneo da contracepção, e assim há uma redução expressiva e uma distribuição mais homogênea da fecundidade para todos os grupos.

A autora também busca conhecer os métodos de contracepção mais empregados pela população estudada (esterilização feminina e métodos hormonais de controle da fecundidade). As classes mais baixas fazem maior uso dos métodos hormonais e da esterilização, enquanto as mais altas exibem um leque mais diversificado de opções, havendo uma tendência geral no sentido de uma maior modernização quanto ao uso de anticoncepcionais, embora Nathalie não possa exibir dados para o período mais recente (as informações obtidas, nesse caso, pararam em 1996).

Uma pesquisa tão ampla não pode ser completamente resumida, destacando-se as suas contribuições em um prefácio. Assim, as demarcações acima são apenas um aperitivo para um vasto trabalho em que as mudanças encontradas permitem inferir negociações que precisariam ocorrer para que se possa constatar a presença de alterações mais definitivas nos padrões de comportamento ou incentivar o fomento de políticas públicas (interrompidas na atual conjuntura nacional).

Resta acrescentar que há parcelas do trabalho dedicadas à questão da violência contra mulheres. Nesse caso, os dados das PNADs deveriam ter sido empregados ao lado de outros divulgados pelo Ministério da Saúde que examinam, por exemplo, a taxa de homicídios de mulheres (o Brasil é o quinto país do mundo com a maior taxa de homicídios de mulheres). Além disso, em 2013, dos 4.762 homicídios de mulheres registrados, 50,3% foram cometidos por familiares e um terço desses crimes foram perpetrados por parceiros (atuais ou ex-parceiros). Os dados de violência doméstica dessa fonte permitem inferências bem mais pessimistas que os das PNADs.

Nathalie, enfim, examina as estatísticas de uso do tempo pelos membros do domicílio. Lamentavelmente o IBGE não prosseguiu no seu plano anterior de mensurar o uso do tempo nos domicílios com o emprego de diários, uma modalidade de pesquisa que significaria novos procedimentos (e custos) para a coleta dos dados, ao lado da possível revelação de ampla riqueza de informações sobre a vida cotidiana e a divisão sexual do trabalho. Apesar disso, a pesquisadora revela que quanto mais baixa a situação de classe, maior o peso das atribuições domésticas para as mulheres.

A autora se preocupa então com aqueles que auferem renda relacionada aos programas sociais de combate à pobreza, observando os beneficiários do

Programa Bolsa Família entre outros programas sociais e traçando-lhes o perfil ao comprovar que também se situam nos estratos mais baixos do sistema classificatório que utilizou: nas classes dos (1) trabalhadores (as) rurais; (2) trabalhadores (as) na indústria tradicional e (3) trabalhadores(as) em serviços gerais e ambulantes. Além disso: cerca de 27% das mulheres contempladas são pessoas de referência no domicílio e quase 63% são cônjuges. A importância do programa chega a: 69% entre as situadas na classe 1; 40% na classe 2; e 50% na classe 3; como renda única individual das mulheres. O texto observa a necessidade de políticas sociais que contemplem tanto o direito ao trabalho quanto à assistência social no combate à pobreza.

Enfim, a pesquisadora demonstra, em seu livro, com muito detalhamento e competência, que o combate às desigualdades requer que se conheça como se entrelaçam os indicadores da posição de classe da população com os da dimensão de gênero.

A obra poderia ser útil para órgãos públicos que buscassem corrigir as desigualdades entre homens e mulheres no interior das famílias ao mapear inúmeras áreas com possíveis caminhos de combate às desigualdades por classe e gênero. A possibilidade poderia ser maior caso estivesse atuante uma secretaria de políticas para as mulheres, ou então se melhorassem os seus índices de participação política, ainda muito pequenos.

